



v.14, n.1
Janeiro-Abril de 2017
ISSN: 1984-9206

A EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI: A PRO- PÓSITO DA LEITURA DE FOUCAULT DO DIÁ- LOGO I ALCIBÍADES, DE PLATÃO [THE EDU- CATION FOR THE SELF-CARE: ABOUT THE READING OF FOUCAULT ON DIALOGUE I ALCI- BIADES, OF PLATO]

Francisco Vítor Macêdo Pereira

*Professor do Mestrado e do Bacharelado
em Humanidades da UNILAB, Brasil.*

E-mail: vitor@unilab.edu.br

RESUMO

Em sua dita fase ética, que enuncia as práticas de si, a tomarem o sujeito como original tarefa de construção ética e estética da própria vida, o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) aborda, mais especificamente em seus seminários a pretexto da Hermenêutica do Sujeito (1982), uma distinção que rompe os limites precisos entre disciplinas e saberes, estabelecidos com a conformação moral dos sujeitos desde a Modernidade. Dentre estes seminários, no que se dá a propósito da leitura do diálogo I Alcibiades, de Platão, o filósofo infere alguns preceitos atinentes a uma vida filosófica como educação para o cuidado de si.

ABSTRACT

The French philosopher Michel Foucault (1926-1984), in his seminars on the pretext of a Hermeneutic of the Subject (1982), deals with the practice of the self, to take the subject as the original task of the ethical and aesthetic construction of life itself. He establishes a distinction that breaks the precise limits between disciplines and knowledge, concerned to the moral conformation of the subjects since Modernity. Among these seminars, the one concerning his reading of Plato's I Alcibiades dialogue takes the philosopher to infer some precepts pertaining to a philosophical life as education for the care of the self.

PALAVRAS-CHAVE

Cuidado de si; Educação; I Alcibiades

KEYWORDS

Self-care; Education; I Alcibiades

A Propósito de uma Ontologia do Tempo Presente

A percepção das inconsequentes determinações dos saberes e das vontades dos sujeitos, no âmbito das produções de automatismos de discursos e de sentidos institucionais, desde a intelectualidade academicista até a maquinização biológica dos impulsos de vida, fez com que o filósofo francês Michel Foucault assumisse para o pensamento de seu tempo a tarefa da compreensão ontológica do próprio ser de si. Trata-se de um *ergon* filosófico a erigir-se na permanente crítica *do que somos, a partir de nós mesmos*: algo não a cargo, mas a despeito das coerções morais, científicas e institucionais - dos valores e dos poderes nos quais se assenta a matriz subjetivo-racional dos pensamentos e das práticas de produção ocidentais.

Numa espécie de insurreição ética, contrária às distinções de produção dos sujeitos desde a Modernidade, o filósofo traz à tona algo como uma *ontologia do tempo presente*, no bojo da qual tornam-se genealogicamente perceptíveis as evidências de sintomas e de atavismos - correspondentes à imantação de diversos dispositivos de efeito, de ordem e de classificação hierárquica das ações dos sujeitos nesse tempo. Trata-se de algo que refunde, desde as prédicas e as imprecisões morais pequeno-burguesas, até os programas de treinamentos técnicos - de segmentação repetitiva dos modos *de ser, de fazer, de pensar, de sentir e de agir* conforme as modelizações subjetivas modernas.

Para Foucault, a História deve, diante disso, passar a ser compreendida, não como a sucessão e o registro autoral de fatos notáveis, nomináveis e cumulados - em concordância ao efeito de uma ordem evolutiva do pensamento moderno e tendente às realizações de um pretenso progresso -, mas como o lugar de irrupção de irregularidades imanentes e transsubstanciais na vida dos sujeitos. Irregularidades as quais mostram-se cotidianas, instadas em pequenos e acidentados devires, não exatamente necessários ou naturais, mas forjados por forças locais que desviem os mesmos sujeitos da compunção dos monótonos modos de ser, de pensar e de agir - inquestionados sobre a ordem dos discursos, das lógicas, das moralidades e das científicidades do tempo presente.

No que a isso concerne, o problema da Educação, entendida não mais como formação em pretensão de atuações segmentais à ordem dos discursos e das produções do capital, não pode mais simplesmente remeter, em postulações de precisão e de qualidade técnica, meramente ao expediente crítico em contra a alienação dos processos didáticos e dos componentes de currículos, sequer à corrupção dos ideais de formação escolar; mas ao âmbito mais ínsito,

PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo. A Educação para o Cuidado de si. p. 81-91.



rizomático e fundamental das formas históricas de subjetivação e de assujeitamento das individualidades, das experiências do ser e dos coletivos históricos no tempo presente.

A Hermenêutica do Sujeito

É dessa forma que, em seu curso de 1982 no *Collège de France*, A *Hermenêutica do Sujeito* (1982), Foucault estuda as técnicas de constituição ética dos sujeitos como *Educação de si mesmo*, sobretudo com base nos pressupostos filosóficos da Antiguidade tardia, a fim de sugerir aos portentos da Modernidade - herdados por nós no presente e fincados em relações de poder e de saber em demanda dos sistemas de ordem sobre a realidade - a ênfase na necessidade (*anankè*) do sujeito em ter de se constituir a si mesmo: com força, estilo, caráter e inspiração próprios.

Essa necessidade, como espécie de constrangimento vital, consiste para o sujeito na tarefa de ter de empreender o trabalho ético de si/sobre si, como o seu verdadeiro e único propósito de interpretação e de execução existencial - para além de todas as coerções possíveis. Infunde-lhe, pois, a vontade anímica de uma constituição própria e singular, inaudita e ousada, a resultar de escolhas irredutíveis de existência - correspondentes a um *ethos* de fortaleza, de honestidade, de audácia e de autonomia espiritual. Em contraste às concepções de pensamentos e de formações da Modernidade, que se mantêm reféns das relações objetais com o conhecimento, com a ordem e com a segurança, além de presas ainda à perspectiva do sujeito que se moraliza e que age apenas na conformação do *dever-ser diante do mundo*, o sujeito que assume a empresa de si e que agencia a *Educação de si* no seu próprio tempo pode graciosamente entender que não é herdeiro *nem do conhecimento nem de nenhum controle sobre a exterioridade do real* - com isso, ele de repente descobre que *pode interpretar-se e reinventar-se a si mesmo...* sem mais promessas, sem legados nem nenhuma profecia a aquinhoá-lo na História.

Trata-se aqui, ao arrepio disso, de uma ética da formação ou da educação de si que se desvencilha de qualquer pretensão prescritiva, sem características normativas ou censoras, que não se reporta mais a preceitos ou a repositórios atávicos de condutas, de valores ancestrais ou de comportamentos filiados, custodiados, disseminados e/ou imantados como *grandes ideais*; mas resistente e insistente no incitamento à compreensão do ser de si, do próprio sujeito, a respeito das potências de seus desejos, das demandas de seu corpo e dos interesses de suas próprias vontades em presidirem a sua compreensão

PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo. A Educação para o Cuidado de si. p. 81-91.



histórica (sem mais constrangimentos morais às suas formas de ser).

Trata-se, portanto, de uma espécie de Educação filosófica como *diagnose de si* - para a empresa da verdadeira tarefa do cuidado, da cura de si mesmo (*cura sui*). Trata-se, enfim, de uma formação como cultivo de autonomia, com base no governo de práticas que o próprio sujeito crie, invente e estabeleça de si, com os outros, para consigo - a fim de constituir-se segundo um estilo próprio, conferido livre e artisticamente à sua mesma existência.

A Tarefa da Educação Filosófica de/sobre si mesmo

A pergunta por si mesmo, no veio dessa Educação para o conhecimento, o cuidado e a liberdade de si - *de autonomização do sujeito na empresa de si* -, se dá pela situação diagnóstica de sua percepção e de sua consciência na sensibilidade de sua própria existência e fazer históricos. Uma situação a qual o distingue, não mais como elemento constituído, sequer envolto por contíguas técnicas de saber, nem mais teleguiado por sucessivas práticas e imantações de poderes, mas como aquele(a) que tem a assumir uma tarefa muito específica, cuja prerrogativa e atribuição lhe são existencialmente singulares. Na condição em que percebe que discursos ordenados de saberes e que dispositivos sistêmicos de poderes se mantêm enfeixados sob as tutelas de direitos, incitados por regimes econômicos de produção, de consumo e de descarte (inclusive simbólicos), esse sujeito tem a possibilidade de genuinamente abjurar os *grandes ideais* de seus planos de realizações e de assumir como verdadeira condição e tarefa de si *a coragem de se fazer esteta de suas próprias experiências de vida*.

Não mais sufragada por ideologias, as quais pretendam pautar as possibilidades de vida em roteiros prévios de identidades e de condutas, a *educação filosófica de si*, como estetização da própria vida, se volta diretamente à ascese das relações entre os sujeitos - na erótica, na intensão das amizades, na ergonomia dos sentidos, nas experimentações com o corpo: em uma empiria direta com os lances da vida, em suas sortes e reveses, no cotidiano de pequenos e de localizados devires. Uma Educação que remete os sujeitos, singularmente e em seus coletivos, à convivência ética, ao compartilhamento estético e à fruição poemática das percepções, dos prazeres e dos padecimentos - nos quais a todos é facultado assumir *o governo de si e dos outros*.

O desafio da vida, na imanência de ser sentida e de ser experimentada nos agenciamentos do cotidiano com o corpo, com as culturas e com a natureza, passa a ser compreendido como o verdadeiro sentido dessa Educação - que é atuada como autonomização audaz, que vai de encontro às técnicas

discursivas e às monótonas repetições dos dispositivos sistemáticos de empoderamento do capitalismo (os quais rançosamente ainda se levantam dos antiquários da *grande história*, da repetição monumental das ordens e de suas instituições no tempo presente, a despeito de todas as suas crises).

Trata-se, por isso, de uma Educação conforme a qual o sujeito não se permite mais ser capturado, nem mais enquadrado sob a redução identitária ou categorial de acusações e de promoções, tampouco se manter baixo a custódia de expedientes de reprodução e/ou de capitalização das ordens em suas hierarquias funcionais. Das dominações em transcendência e do esbulho em síntese falsa dos desejos, dos sentidos e das vontades de potência em propensão subjetiva, o sujeito se solta à incoercível invenção - cujo roteiro não é senão o de se descobrir, em cada trama, como *aquela que pode propor a sua própria vida*.

Chamado a auto constituir-se no trabalho *das técnicas* de si, que lhe imprimam a livre vontade, a ousadia ética e estética e a coragem da verdade, o sujeito educado como um esteta da própria existência não se recolhe mais *aos scripts de uma vida*, mas inventa-se... e atua, sobre si e o seu corpo, como imanência total à *sua própria vida*. No sentido do encorajamento ético do sujeito em seu tempo presente, ante esta tarefa pedagógica da construção de si mesmo, Foucault fala a respeito de possíveis estilizações existenciais - como exercícios estéticos e espirituais em concepção e em prática da vida como uma obra de arte (notável e de inegável fruição em saberes, belezas, dores e prazeres). Ainda que não prescreva essas estilizações, o filósofo defende que cada sujeito se torne *artífice de seu próprio ethos vital*.

Portanto, não a contrassenso disso, ele trata de algumas possíveis *técnicas do cultivo e do cuidado si*, as quais podem servir como inspiração à empresa ético-estética de si - na ocasião em que volta os sentidos de sua última filosofia para os exemplos de modos e de comportamentos de vida filosóficos os quais são característicos do período que, historicamente, se convencionou denominar de *Antiguidade tardia* (cerca de 300 a 474 d.C.). Faz isso notadamente em seu projeto a propósito da *História da Sexualidade*, nos volumes II e III, e em seus cursos proferidos nos anos oitenta, no *Collège de France*.

Técnicas para o cuidado de si, o governo de si e dos outros

Nesses cursos, Foucault aborda e estuda algumas técnicas e práticas de subjetivação, como dissemos, próprias das escolas filosóficas da *Antiguidade tardia* (especificamente de cultura helenista), enfatizando nestas a sua

PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo. A Educação para o Cuidado de si. p. 81-91.



dimensão ético-attitudinal. Trata-se, grosso modo, de disposições filosóficas cujos domínios de efetivação demandam dos sujeitos a coragem plena da verdade e a intenção de fazerem da própria vida (do seu tempo, da sua potência e do seu corpo, bem como da percepção das suas experiências com os mesmos) uma verdadeira *obra de arte*: digna de ser admirada e a inspirar os companheiros da comunidade filosófica a seguirem-lhe o exemplo. São práticas relativas à leitura, à escrita, à reflexão, aos exercícios corporais e espirituais, à experimentação dos sentidos, bem como a recursos de aconselhamento e de orientação da existência - concernentes à atuação política, à preparação para a velhice, para o sofrimento e para a morte. São, enfim, práticas que, em seu conjunto attitudinal, traduzem e demandam a formação do sujeito ético pelo exercício itinerante de suas próprias forças, em postulação e em atuação do cuidado e do governo de si mesmo.

O primeiro aspecto a se ressaltar dessas práticas filosóficas subjetivas é, sem dúvida, o educacional - voltado inclusive para o desempenho dos papéis dos indivíduos na cidade. Na consideração dessas questões, Foucault recua também à Filosofia socrático-platônica, apontada como síntese da formulação da compreensão do cuidado de si como verdadeira tarefa filosófica. Decerto, ele pretende com esse recuo uma espécie de contraposição ética à época moderna, assentada na técnica de controle e de manipulação operante dos poderes, dos regimes e dos discursos articulados a dispositivos e a domínios de saberes. Essas autênticas técnicas educacionais para o governo de si demandam do sujeito, contudo, um esforço de problematização - sensível e honestamente em torno daquilo *que se é*, na compreensão e na necessidade da atuação *de si/ em si*, para si e para os outros.

Foucault anuncia a formulação desse mais importante princípio do *cuidado e do governo de si e dos outros* precisamente em uma aula de 06 de janeiro de 1982, em que procede à leitura e ao debate do diálogo I Alcibíades, de Platão - a propósito de justamente refletir, como diagnóstico, a respeito das relações entre subjetividade e verdade, mais especificamente a pretexto do regime dos comportamentos de vida e da política na Antiguidade.

A despeito de em uma primeira leitura do diálogo platônico prevalecer a apreensão do preceito délfico do *gnothi seauton* - apenas como reporte ao conhecimento, e não ao cuidado de si -, Foucault não acredita que esse *conhecimento* tenha surgido como um tipo de valor pura ou acerbamente metafísico-transcendental em Sócrates - conforme a interpretação maciça da cultura ocidental cristã-medieval e da moralidade moderna. No comentário de Foucault à

Apologia de Sócrates, o conhecimento é tido como condição de *libertação da aparência das opiniões* e implica em autenticamente ter de se levar uma vida sã, com cuidado e com responsabilidade em si/de si a respeito da verdade consigo, com os outros e com a cidade - de corpo e de alma. Nesse sentido é que o preceito délfico do *gnothi seauton* (conhece-te a ti mesmo) pode ser compreendido como *ephimeleia seauton* (cuida de ti e da tua própria vida, governa-te a ti mesmo).

Foucault defende que é o *cuidado de si* o verdadeiro ponto fulcral, não só da teoria filosófica de Platão, como também da apreensão dos estoicos, dos epicuristas e dos cínicos, a respeito de uma filosofia prática de vida - a tornar-se, por isso, uma espécie de chave de inteligibilidade e de sabedoria para a consecução de uma existência autônoma e digna. Portanto, segundo o teórico, é o *cuidado de si* o que originalmente implica no *conhecimento de si*, como promoção para o *autogoverno* - que, a propósito, não é para Sócrates senão uma forma de *reconhecer-se*, de recuperar a *sanidade* do corpo e da alma e de atuar filosoficamente sobre a própria vida (livre de todas as aparências e de todas as doenças).

Toda a superfície do cuidado de si é ocupada pelo imperativo do conhecimento de si, conhecimento que, como sabemos, toma a forma de apreensão pela alma de seu ser próprio, apreensão que ela opera ao olhar-se no espelho do inteligível, onde precisamente, deve reconhecer-se (FOUCAULT, 2013, p. 310).

Como esse princípio do *cuidado de si* teria sido, no entanto, apagado - eclipsado modernamente - em detrimento à supervalorização apenas do *conhecimento* como estatuto epistemológico da eticidade do ser? Como foi que praticamente apenas o conhecimento passou a ser visto como condição - quase exclusiva - da mediação do sujeito com a verdade?

A Leitura de Foucault do I Alcibíades

No ensaio em argumentação desta questão, notadamente em seu comentário a pretexto do diálogo *I Alcibíades*, em *A Hermenêutica do Sujeito* (1982), Foucault preliminarmente esclarece que o *cuidado de si* consiste em práticas e em técnicas subjetivas que se diferenciam totalmente de qualquer tipo de egoísmo, de individualismo, de assujeitamento ou de fechamento do indivíduo sobre as suas questões particulares apenas. A evidência única no registro da consciência do sujeito, como concessão externa ao que lhe é permitido ser e assentir como programação, transfunde-se à plenitude de quem assume



com a coragem da própria vida ser aquilo que cria para si.

Foucault esclarece ainda que esta afirmação de que é preciso ocupar-se consigo mesmo era uma antiga sentença da cultura grega, longe de se confundir com uma prédica filosófica qualquer (Cf. FOUCAULT, 2013, p. 41).

Na empreitada de si, o que permite ao sujeito - como consciência, como sentimento e como atitude - aceder à verdade é ter de acendê-la nas potências e nas debilidades *de seu próprio devir*, e eminentemente em seu próprio corpo. O sujeito voluntariosamente elege ascender à verdade no acesso irrestrito e incerto de suas experiências empíricas mais diretas - consigo e com os demais -, destemidamente arrojando-se às mais inusitadas, indefinidas e inesperadas irrupções de seu cotidiano.

Será, portanto, o *conhecimento* e tão somente o *conhecimento*, em sua máxima perspectiva nominal e epistemológica, o que concede ao sujeito o acesso à *verdade de si*? Com ênfase, a postura do *epimeleia seauton* não distingue *filosofia*, como teoria do conhecimento, de *espiritualidade* - o que, para os antigos, tratava-se de uma mesma realidade: em disposição de fuga convicta de todas as inverdades do mundo. No pensamento antigo, a espiritualidade postula que a verdade jamais é concedida ao sujeito, de pleno direito, por meio de um simples ato de conhecer, de saber distanciar e diferenciar propriedades eletivas, em um contexto de ordenação exterior e objetal. Diferentemente disso, o sujeito precisa dispor-se *a si mesmo* em questão, se assumir em risco da própria vida para aceder à verdade... sem mais dúvidas *se vale ou não a pena* pagar à verdade o preço da própria vida - conforme nos conta o próprio Foucault: "(...) os exercícios espirituais correspondem quase sempre ao movimento pelo qual o eu se concentra em si mesmo, descobrindo que não é o que acreditava ser, que não se confunde com os objetos aos quais se prendia" (FOUCAULT, 2013, p. 318).

Em outras palavras, o sujeito que vitalmente se educa a si mesmo com a coragem total da verdade - disposto a, por isso, arriscar a própria vida em linhas de fuga as quais jamais lhe permitam ter de arrogar-se de si -, sente-se e percebe-se a continuamente modificar-se, reinventar-se e, conseqüentemente, despegar-se de todas as impositões identitárias - as quais, ainda que por covardia, absenteísmo ou indiferença, substituam-no na atuação de seu itinerário vital. Daí, nessa concepção de uma educação filosófica do cuidado vital de si, não haver acesso à verdade sem transformação itinerante e profundamente sentida do sujeito.

O momento de surgimento da reflexão e da percepção filosóficas como



conhecimento e como cuidado para a conquista do governo de si (ascese filosófica) é abordado justamente por Platão como uma espécie de *psicagogia* - educação como condução da própria alma -, em seu diálogo *I Alcibíades*. Foucault vai entender essa educação da/pela própria alma como a realização de um trabalho de interpretação e de construção filosófica, no qual se encontra em jogo a hermenêutica do próprio sujeito: haja vista que ela corresponde a um tipo de método que é o "(...) da decifração dos processos e dos movimentos secretos que se desenrolam na alma, dos quais é preciso apreender a origem, a meta, a forma" (FOUCAULT, 2013, p. 311).

Foucault nos explica que a personagem de Alcibíades corresponde, na verdade, a uma metáfora acerca da disposição da cidade em relação à filosofia de Sócrates. Na medida em que a formação do *cuidado de si* exige plena oposição às veleidades da mentira e da falsidade, a dimensão ética da escolha intemorata do sujeito *pela coragem total da verdade* consubstancia-se necessariamente em sua atuação política (na *pólis*), com inflexíveis honestidade e fortaleza: algo muito além da mera dimensão utilitária do conhecimento. É dessa forma porque, para cuidar-se e para cuidar *do quê ou de quem quer que seja*, é necessário ao sujeito conhecer-se e, por último, assumir inteiramente a dimensão de suas próprias práticas.

São todos esses domínios - da ética, da política, do conhecimento e do agir - que se entrelaçam no diálogo platônico. São condições psicagógicas concernentes ao cuidado e ao governo de si e dos outros, ao domínio ético de si mesmo e ao governo da *pólis*. Para governar a si mesmo, imprescindível é conhecer-se, e para governar a cidade convém igualmente conhecê-la - *na mesma medida em que se conhece a si mesmo*. Esse sujeito do conhecimento e do cuidado, para Platão, é a alma. A excelência do ser dependeria assim dessas duas formas indissolúveis de conhecimento e de atenção: *a de si e a dos outros* (interação inextrincável do campo da ética com o da política), a animar-lhe de maneira vital e absoluta *o corpo e a alma*.

Conclusão

Nota-se que, nesse diálogo, Sócrates inquirir Alcibíades a respeito das competências necessárias para se governar a cidade. Deixar-se capturar e envolver-se em um belo discurso, para personificar as tendências utilitaristas e meramente ser bem aceito no meio político não podem ser insígnias de um bom governante, tendo em vista que uma postura assim não garante a Alcibíades o conhecimento preciso do justo e do injusto. Alcibíades, além do mais,

PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo. A Educação para o Cuidado de si. p. 81-91.



orgulha-se demasiadamente de sua beleza, de sua ascendência, de seus dotes... Nada disso, no entanto, lhe bastaria ou lhe serviria para governar a cidade, haja vista que são qualidades que os seus opositores, mais cedo ou mais tarde, possuiriam em maior grau do que ele. Quanto a um *saber-tekhné*, que genuinamente o diferenciasses dos seus adversários, ou ao *cuidado de si*, como imprescindibilidade ética ao governo de si e da *pólis* - algo que justamente o dispusesse a ocupar-se consigo mesmo -, ele demonstra completamente ignorar.

O diálogo se encerra com o compromisso do empenho exterior de Alcibíades (discursivo) em postular por justiça - um propósito que não será alcançado, uma vez que no diálogo *O Banquete*, de maturidade, Alcibíades retornará como personagem que não consegue vincular o *governo da cidade ao governo de si*. Assim, a sua vida rui, tal como a vida política de Atenas.

Por último, depreende-se do comentário de Foucault, a propósito dessa dialogia platônica, a abertura a uma espécie de *ontologia do presente*, muito mais do que uma mera evocação à História da Filosofia. Uma ontologia como supedâneo da Educação que se encontra e que se faz na superação *em si* de todas as evidências da exterioridade - não como exigência de conduta ou como regra prescritiva, mas como compreensão da tarefa de *conhecer-se, para poder cuidar-se e inventar-se autonomamente no governo da própria vida*, presidindo à essa construção com base na justiça daquilo que verdadeiramente se *é e se busca da/na própria existência*.



REFERÊNCIAS

DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica** (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **Problematização do sujeito**: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Ditos e Escritos, I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Ditos e Escritos, II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

_____. **A História da Sexualidade, 1: A Vontade de saber**. 16ª ed. São Paulo: Graal, 2005.

HADOT, P. **O que é a Filosofia Antiga?** São Paulo: Loyola, 1999.

PLATÃO. **Alcíbiades I e II**. 8ª ed. Lisboa: Inquérito, 1969.

* * *

PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo. A Educação para o Cuidado de si: a propósito da leitura de Foucault do diálogo I Alcíbiades, de Platão. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 14, n. 1, 2017, p. 81-91.



Recebido: 02/04/2017
Aprovado: 30/04/2017



91

PEREIRA, Francisco Vítor Macêdo. A Educação para o Cuidado de si. p. 81-91.